

PAULO, O APÓSTOLO APOCALÍPTICO: 2 TESSALONICENSES 2.6-7

*C. Timóteo Carriker**

RESUMO

A maioria dos estudiosos de hoje concorda que Paulo comunicava o evangelho de acordo com o contexto pastoral contingente que enfrentou. Por trás dessas expressões contingentes, há uma cosmovisão fundamentalmente apocalíptica, que, por sua vez, deriva da compreensão que Paulo tinha da sua missão. Isto é, a vocação e atividade missionária de Paulo formou-se a partir dessa sua perspectiva apocalíptica, a qual influenciou, assim, a expressão da sua teologia. A passagem bíblica destacada aqui é bastante ilustrativa, de como a cosmovisão apocalíptica de Paulo influenciava a percepção que ele tinha da sua missão e da sua teologia. A tese básica, inicialmente sugerida por Johannes Munck e Oscar Cullmann, é que, nessa passagem, “aquilo que detém”, *to, kate,con*, refere-se à “pregação do evangelho” e “aquele que detém”, *o` kate,cwn*, refere-se ao “pregador do evangelho”, ou, mais especificamente, ao próprio apóstolo Paulo.

PALAVRAS-CHAVE:

Apocalíptica, escatologia paulina, aquele que detém, 2 Tessalonicenses, missão de Paulo.

INTRODUÇÃO

Falar da missão *apocalíptica* de Paulo pode parecer, inicialmente, muito estranho. Afinal, o que tem o apocalipticismo a ver com esse apóstolo? Tanto a teologia luterana, com a sua ênfase na justificação pela fé, quanto a

* O autor é missionário da Presbyterian Church U.S.A. Sua formação deu-se nos Estados Unidos, sendo bacharel em Ciências da Religião da Universidade de Carolina do Norte em Charlotte, mestre em Teologia do Seminário Teológico Gordon-Conwell, mestre em Missiologia e Ph.D. em Estudos Interculturais do Seminário Teológico Fuller. É missiólogo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e professor em diversas instituições de ensino, inclusive no recém-inaugurado curso de doutorado em Ministério do CPPAJ da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

teologia calvinista, com o seu enfoque na soberania de Deus, apelam para a teologia de Paulo, compreendendo-a de forma sistemática, racional e abrangente. Hoje, os escritos de Paulo lembram muito mais os argumentos racionais de Calvino, Lutero e Barth, do que as visões e cenas fantásticas e catastróficas do livro do Apocalipse.

Entretanto, é bom lembrar que o apóstolo Paulo vivia no mesmo mundo e quase na mesma época que o visionário João. Não é de estranhar, portanto, que eles possuíssem cosmovisões muito mais próximas do que possa parecer. Certamente Paulo também estava mais próximo, histórica e culturalmente, do visionário João do que dos reformadores. Da mesma forma que João, Paulo compreendia o evangelho no contexto da urgência escatológica do momento histórico – não em termos duma ação de Deus celestial, porvir e distante, mas sim de uma irrupção no aqui e agora pelo Espírito transformando estruturas sociais inteiras pela derrota de potências invisíveis que regiam os afazeres dos seres humanos até então. Esse é um modo tipicamente apocalíptico de entender o mundo e a atuação de Deus nele.

Já há mais de vinte anos Koch (1972, 11, 18ss.) já denunciava os estereótipos e preconceitos que, década após década, cercaram os estudos sobre o apocalipticismo, até mesmo entre os estudiosos. Embora a situação atual tenha melhorado um pouco, o entendimento inadequado continua forte. Frequentemente se associa o apocalipticismo às noções fantásticas, bizarras, esquisitas, ameaçadoras e obscuras de calamidade futura. Semelhantemente, ele é taxado de “quinta-essência de escatologia imprópria” ou de “puras especulações”. O pessimismo e o caos, em que as normas morais desaparecem, são vistos como a sua herança. E isso é verdade, apesar da grande prioridade dada nas discussões teológicas à idéia de “revelação”, conceito também derivado do substantivo *Vapoka, luyij* (apocalipse).

Os estudiosos frequentemente contrapõem a perspectiva apocalíptica à escatológica, alegando um enfoque da primeira no futuro e da segunda no presente. Entretanto, o apocalipticismo não se caracteriza tanto por uma orientação ao futuro quanto pelo dualismo e pelo modo visionário de revelação. A teologia de Paulo não é menos apocalíptica por enfatizar a ação de Deus no presente, porque o dualismo radical da sua visão temporal – “este século” e “o século vindouro” –, o conceito de ressurreição e a transformação da atual época pela obra de Cristo dominam o seu pensamento, cuja fonte, pelo próprio testemunho de Paulo – e Lucas o confirma (At 9.3s.; 22.6, 17s.) – é um *Vapoka, luyij* (Sturm *apud* Marcus, 1989, 37).¹

¹ Sturm, Richard E., Defining the Word “Apocalyptic”: A Problem in Biblical Criticism, in: Marcus, Joel, e Soards, Marion L. (Eds.), *Apocalyptic and the New Testament*, v. 24. (Journal for the Study of the New Testament. Supplement Series). Sheffield: JSOT, 1989, 37.

Certamente, o que Paulo está aqui enfatizando é a ação transformadora de Deus no presente momento. E nessa reinterpretação da história atual, por meio da sua referência ao evento de Cristo, Paulo é único entre os apocalípticos. Entretanto, focar o presente não é nenhuma novidade, pois a característica de imediação, normalmente chamada de *iminência* na literatura apocalíptica judaica, ilustra bem que o tratamento do futuro era importante *somente na medida em que aqueles eventos “futuros” referiam-se a situações históricas e presentes de uma forma ou outra, fossem elas políticas, sociais ou religiosas*. Portanto, em última análise, a literatura apocalíptica judaica, em geral, também tem como foco, final o presente, mesmo aplicando uma linguagem simbólica voltada para o futuro.

Essa visão “apocalíptica” refere-se a uma perspectiva religiosa específica, acerca dos planos divinos e últimos para a história. Como mencionamos acima, essa perspectiva exprime-se pela linguagem dos oprimidos e marginalizados, se não pela sua origem, pelo menos no que diz respeito aos seus propósitos.² Mais especificamente, a perspectiva apocalíptica era uma forma de protesto sobrenaturalista dos aflitos contra forças culturalmente opressoras de domínio estrangeiro ou dos seus próprios líderes malignos e autônomos, verdadeiros fantoches nas mãos daquele domínio estrangeiro. A obra de Neil Smelser fornece uma perspectiva valiosa a respeito do provável processo social de desconstrução e reconstrução religiosa e interpretativo de estruturas da sociedade, na linguagem simbólica dos apocalípticos. Veja especialmente o seu *Theory of Collective Behavior* (Smelser, 1963).³

Para elucidar melhor essa “postura” apocalíptica, sugiro quatro idéias básicas que exprimem essa disposição:⁴

- 1) *a iminência*: uma noção mais qualitativa e espacial do que quantitativa e temporal. A simples *confiança* e a absoluta *segurança* na conquista divina do mal tornam-se a devida herança dos

² Pensa-se que entre os diversos grupos que expuseram crenças apocalípticas estavam os hasidim – “os piedosos” –, os essênios, e os *maskilim* – “os sábios”. As crises que o gênero apocalíptico ilustra são de vários tipos: a perseguição, por exemplo, nos livros Daniel e Apocalipse, o choque cultural no Livro dos Vigilantes, a impotência social no livro das Similitudes de Enoque, o trauma nacional nos livros 2 e 3 de Baruque, ou o destino humano no livro 4 de Esdra.

³ A sua teoria de movimentos sociais é tanto mais abrangente quanto mais específica na sua análise de tais movimentos que os estudos, por exemplo, de Wallace (1956), amplamente citado por bibliostas como fonte principal da compreensão teórica de movimentos milenários. Veja também o meu estudo das questões hermenêuticas envolvidas na aplicação da teoria de Smelser ao apóstolo Paulo e aos movimentos milenários do século XIX no Brasil: As contribuições do messianismo para uma hermenêutica missiológica: Algumas pistas, *Boletim da Fraternidade Teológica*, n. 19, 1993, 19-41.

⁴ Para uma discussão desses e de outros temas, ver Carriker, 1996.

retos.⁵ Entretanto, tal segurança urgente frequentemente se expressava por categorias temporais, a fim de intensificar a certeza de que Deus vindicaria suas promessas para os retos. A linguagem do fim é, em última análise, a linguagem da finalidade. O que está em jogo não é o fim próximo da história ou da criação, mas a *resolução* da crise histórica que está para acontecer. Tal perspectiva só pode ser considerada pessimista em relação à ordem atual, predominantemente decaída e má. Em relação à *esperança* na resolução divina por vir, trata-se de uma solução plenamente otimista e confiante.

- 2) *o dualismo cósmico*: enquanto os contrastes dualistas são certamente comuns à literatura apocalíptica – entre Deus e o ser humano; entre a história e a meta-história; entre “este século” e “o século vindouro”; entre a retidão e a maldade; entre a escuridão e a luz; entre os anjos e os demônios; e entre Deus e Satanás –, a característica predominante do gênero é, para além disso, essencialmente *monista*. Deus é Criador de *tudo* e Senhor de *toda* a história. A soberania de Deus jamais é diminuída na literatura apocalíptica judaica.
- 3) *o desvelamento*: o meio de revelação que tem a função de legitimar o conteúdo interpretativo da revelação. Apenas a revelação divina – em contraposição às técnicas “naturais” e convencionais – tem capacidade hermenêutica suficiente para efetivamente assegurar autoridade e, conseqüentemente, legitimidade em contraposição à tradição religiosa majoritária.⁶
- 4) *a transcendência*: nos livros apocalípticos, são redefinidos conceitos essenciais, como o *poder* e a própria *realidade* por meio do recurso da reversão. Os primeiros serão os últimos (2 Br 51.13; Mc 10.31), os pobres serão vindicados em contraposição aos ricos (Mc 10.21), e os retos receberão o seu justo galardão contra o lucro terreno dos injustos (1 En 42; 52; 104.6; Mt 5; 2 En 45; 61; Mc 7.14-23). Mas a maior reversão de todas é a própria morte. E a dívida do Novo Testamento para com a literatura apocalíptica

⁵ Apesar de certos enfoques divergentes, tanto as tradições proféticas quanto as apocalípticas entendem a escatologia não tanto em termos do fim do *tempo*, mas antes em termos do fim do *mal*. Ver Gowan, 1986.

⁶ Diante da tensão crescente entre judeus e cristãos, ao longo do primeiro século da igreja, começando pelas discussões a respeito do papel da lei, imagina-se que o fenômeno do cânon nem sequer seria possível se não fosse pela precedência do modo de revelação da literatura apocalíptica e a sua influência em muitos dos documentos do Novo Testamento.

evidencia-se com maior capacidade de penetração nessa reversão. A própria morte física é transcendida, não apenas a da comunidade, no sentido metafórico ou até mesmo histórico, mas a *morte pessoal* do indivíduo. Nisso está a marca que distingue definitivamente a escatologia apocalíptica da escatologia profética, pois além da libertação comunitária, evidente na tradição profética, a apocalíptica desenvolve um elemento genuinamente novo, o julgamento final do indivíduo.⁷

Existe hoje um consenso de que Paulo comunica o evangelho dentro das situações peculiares de suas cartas. Mas, por trás dessas expressões contingentes, há um conceito fundamentalmente apocalíptico do evangelho. Isso porque ele entendia a sua missão em termos apocalípticos. Enfim, a vocação e o ministério missionários de Paulo são formados por uma perspectiva apocalíptica que influi na sua expressão teológica.

Para ilustrar essa tese, examinaremos o seguinte trecho bíblico, que demonstra uma preocupação missionária por meio do seu conteúdo apocalíptico. O texto diz o seguinte: “E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém” (2 Ts 2.6-7).

A favor da autoria paulina, destaca-se o uso do nome de Paulo cinco vezes em 1 Ts 2.18, 3.5, 5.27 e 2 Ts 2.5, 3.17; duas vezes, junto com o pronome na primeira pessoa do singular, em 1 Ts 2.18, 2 Ts 3.17, e especialmente na assinatura ao final da segunda carta. Além dessas evidências internas, há também evidências externas. A carta está incluída no Cânon de Marciano e na Lista de Muratório, tendo sido mencionada nominalmente por Irineu, e aparentemente era conhecida também a Ignácio, Justino e Policarpo. Todas essas observações favorecem grandemente a autenticidade paulina de 2 Ts. Diferenças de estilo e conteúdo entre as duas cartas são conseqüências de ocasiões diferentes, mesmo que Paulo esteja escrevendo para a mesma audiência durante períodos relativamente próximos (Jewett, 1986). Até mesmo a diferença em expectativa escatológica torna-se mais compreensível quando se considera que a confusão a respeito desse assunto não havia

⁷ Na tradição profética, há referências que fazem a aplicação à transcendência individual, que pode ser facilmente desenvolvida, em retrospectiva, como vemos no exemplo de Jó 14.13-15; 19.25-27; Sl 16; 49; 73; Os 5.15-6.3; Ez 37; Is 24-27, cf. 26.19; 66.7-9. Exemplos dessa perspectiva na literatura apocalíptica podem se encontrar explicitamente em Dn 12 cf. v. 2 e Mc 7.9, 14, 23, 29.

se levantado na época em que 1 Tessalonicenses foi escrita. Certamente não havia diferenças escatológicas na mente do autor da segunda carta que exorta seus leitores a guardarem os ensinamentos da primeira carta (2 Ts 2.15).⁸

Nesse sentido, Gilliland (1989) expôs algumas dessas mesmas implicações missiológicas em 1 Co 15.20-27 e 1 Ts 4.13-5.11. Outro autor importante que alisa essas implicações mais extensivamente é Bosch (1991).

EXPOSIÇÃO

Os comentaristas estão se indagando a respeito do significado dessa passagem há dezenove séculos, especialmente a referência àquilo e àquele que detém. No versículo 6 do capítulo 2, *to, kate, con* e, no versículo 7, lemos *o` kate, cwn*. A variedade de interpretações é grande, e discute principalmente a identidade e o propósito da atividade daquilo e daquele que detém a manifestação do homem da iniquidade antes da vinda do Senhor Jesus. Neste estudo, examinaremos algumas das principais interpretações dadas para aquele que detém e aquilo que detém. Isso inclui um estudo do contexto maior da carta de 2 Ts e da forma como ela se relaciona a outras passagens neotestamentárias.

Uma das razões por que a interpretação de 2 Ts é tão difícil está na terminologia tipicamente apocalíptica. Considere a expressão “em ocasião própria” como um exemplo. Assim como “a plenitude do tempo” pode referir-se à primeira vinda de Cristo encarnado (Gl 4.4, cf. Ef 1.10), em cumprimento do plano divino de salvação “no seu próprio tempo” (1 Tm 2.6, Tt 1.3, Rm 5.6), também “em ocasião própria” (2 Ts 2.6) pode referir-se à *parousia* do Senhor como um tempo específico e conforme uma ordem específica.⁹ O uso da palavra “deve” (*dei*/, ver 1 Co 15.25,53) reflete a idéia de uma ordem de eventos estabelecida no plano de Deus para a salvação. Romanos 11 (primeiro virá a salvação da plenitude dos gentios e, depois, de todo o Israel) também ilustra essa perspectiva seqüencial. Outras passagens apocalípticas nas cartas de Paulo, que dizem respeito a uma seqüência na vinda futura do Senhor, são 1 Co 15.51ss. e 1 Ts 4.13-18. Tal ponto de vista apocalíptico não implica o *cálculo* e a *especulação* da hora exata da *parousia* (ver 1 Ts 5.1ss.). Assim, Paulo mostra-se de acordo com as profecias e com o ensino de Jesus, que dizia que o Dia do Senhor é desconhecido e possui um

⁸ Para mais detalhes, veja também C. T. Carriker, *Paul's Apocalyptic Mission: An Integrative Missiological Hermeneutic*, tese de Ph.D., Fuller Theological Seminary, School of World Mission, 1993.

⁹ Denota-se “seqüência” pela palavra “ordem” *ta, gmati* e os seus termos subordinados *avparch,*; *e; peita*; e *ei=ta* em 1 Co 15.23s. Para a idéia de seqüência, ver *BDTJ@<*, in: Michaelis, 1968, 865-883; Cullmann, *Christ and Time: The Primitive Conception of Time and History*, Philadelphia: Westminster, 1964; e *Salvation in History*, London: SCM, 1967.

caráter repentino e surpreendente (ver Is 13.6-8, Mt 24.38, Lc 12.39ss. e 21.34, At 1.7, 2 Pe 3.10 e Ap 3.3 e 16.15). Por outro lado, a passagem em 2 Ts implica, sim, *seqüência* e *demora* do evento. Algumas coisas não podem acontecer *antes* que determinadas outras coisas ocorram “primeiro”. Na interpretação de 2 Ts é fundamental que se leve em conta essa linguagem apocalíptica.¹⁰

É preciso considerar, ainda, que nem todas as interpretações de “aquilo que detém” e “aquele que detém” são mutuamente distintas. Algumas são relativamente compatíveis com outras. Apresentamos, a seguir, um breve apanhado das cinco principais interpretações.

Primeiro, através dos séculos, um grupo grande de estudiosos defendia que “aquele que detém” se referia ao imperador romano.¹¹ A atitude positiva de Paulo em relação ao governo (Rm 13.4, 1 Tm 2.1-7) e o seu apelo para que a lei romana fosse observada como *civis romanus* parecem confirmar tal ponto de vista. Essa interpretação também explica o uso alternado do termo “detém” na forma masculina e neutra e até alega uma alusão ao nome do então imperador, Cláudio (*cláudio* significa “fechar, encerrar, ou impedir”). Uma variante dessa interpretação estabelece um paralelo¹² entre as palavras “deter” e “iniquidade” (literalmente “sem lei”) e uma referência à “lei” em relação ao “sem lei”. Nesse caso, “aquilo que detém” referiria-se à ordem geral da lei e do bom governo.¹³

¹⁰ Possíveis paralelos nos manuscritos de Qumrã incluem: 1Q27 Fragmentos da Caverna 1:1; 1QH Os Hinos 5.36; e 1QH fragmento 50.5. (Aus, 1971), e God’s Plan and God’s Power: Isaiah 66 and the Restraining Factors of 2 Thess. 2:6-7, (Aus, 1977, 537-53). Neles sugere-se que Is 66, Dn 11.36 e Ez 27.10-25 e 28.2 são fontes para 2 Ts 2 e que a palavra hebraica “fechar” o ventre em Is 66.9 forma o pano de fundo para o termo “detém” em 2 Ts 2.7.

¹¹ Tais como Cláudio, Vitélios, Vespasião, Tito Trajã, ou até mesmo o tutor de Nero, Sêneca. Essas interpretações foram defendidas por Tertúlio, Latêncio, Crisóstomo, Lutero, Stauffer e mais recentemente por G. E. Ladd. Ver a avaliação dessas interpretações por F. F. Bruce em *1 and 2 Thessalonians*, Waco: Word, 1982.

¹² Cf. Vos, 1930. Este autor observa que os dois pares de frases geralmente são interpretados através do princípio de oposição.

¹³ Cf. Ladd, 1974. Parece que o autor adota esta variante da interpretação histórica. A favor dessa interpretação, observamos que ela melhor emprega o princípio de oposição mencionado acima. Também, quando se entende “aquilo que detém” como a ordem de Deus e “aquele que detém” como ou Deus próprio ou um dos seus embaixadores, é possível entender que o embaixador de Deus e “aquele que detém” é Paulo, a posição que vamos defender a seguir. Isto é, a ordem de Deus pode combinar com a idéia da missão gentílica. De fato, na “iniquidade” e na “rebelião” conseqüentes de 2 Ts 2.3, repare o tipo de rebelião, isto é, contra tudo que se chama Deus ou é adorado. Esta idéia de rebelião também está presente no contexto de Is 55. Repare no culto impróprio mencionado nos versos 3-4 e nos versos 66.5-6; para a idéia de ordem, veja os versos 7-9 e 22; e também são relacionados à missão na provocação a Deus, nos versos 18-24.

Entretanto, nenhuma dessas interpretações explica a simbologia do anticristo no livro de Daniel, da qual depende a referência em 2 Ts. O anticristo estaria representando o império sírio. Não faz sentido supor que Paulo pudesse descrever o anticristo como o Estado para depois sugerir que aquilo que detém o anticristo também é o Estado. Essas interpretações também não levam o contexto histórico da passagem suficientemente a sério, pois, para os cristãos tessalonicenses, o Estado era provavelmente a fonte de perturbação e de perseguição, em lugar de proteção.¹⁴

Uma segunda interpretação entende “aquilo que detém” como a prisão de Satanás ou do mal e “aquele que detém” como um anjo ou o próprio Deus.¹⁵ Esse posicionamento apóia-se em Lc 8.31, Ap 20.2 e também no contexto similar de Dn 10 e 12. Nesse sentido, Bauer cita uma oração egípcia que usa a palavra “deter” para descrever a detenção do dragão mitológico por Miguel.¹⁶ Entretanto, uma referência a um poder sobrenatural ou mítico exigiria ainda alguma correspondência terrestre. Se tal realidade terrestre fosse o ministério apostólico de Paulo, a missão, para os gentios, corresponderia à interpretação que promovemos abaixo. E, de fato, a amarração de Satanás (Dn 10.13, 21) por Miguel está ligada à proclamação do evangelho em Dn 12.1-4 (cf. Ef 3.10 e 6.10-16). Podemos observar aqui como Daniel forma, junto com Isaías 66, o pano de fundo adequado para a leitura de 2 Ts.¹⁷

Uma terceira interpretação entende as frases “aquilo e aquele que detém” como referências a uma “força prendedora” e a um indivíduo (desconhecido) que incorpora essa força.¹⁸ Assim, “aquilo que detém” se traduziria como “poder prendedor” e “aquele que detém” como “o Prendedor”. Mas as antíteses nos versos 6 e 7 entre Deus e o homem de iniquidade e a antítese semelhante, presente no verso 8, desqualificam qualquer identificação das frases sobre a detenção e a iniquidade.

Uma quarta perspectiva interpreta as frases que se referem à detenção em relação ao plano e à vontade de Deus. Observa-se que a raiz do termo “deter” está relacionada ao verbo “fechar”, de Isaías 66.9. Da mesma forma que o sujeito do verbo “fechar” em Isaías é Deus, de acordo com essa interpretação, “aquele que detém” em 2 Ts também deve estar se referindo a Deus. Paralelos à idéia de Deus como aquele que fecha o ventre incluem tre-

¹⁴ Cf. Donfried, 1985 e Jewett, 1986.

¹⁵ Cf. Ridderbos, 1975 e Vos, 1930.

¹⁶ Cf. Bauer, 1957.

¹⁷ Cf. Aus, 1977.

¹⁸ Cf. Coppens, Joseph “Mystery” in the Theology of Saint Paul and Its Parallels at Qumran, in: *Murphy-O’connor, (Ed.) and James Charlesworth, *Paul and the Dead Sea Scrolls*, New York: Crossroad, 1990, p. 132-158 e Giblin, 1967.

chos como, “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18) e passagens da literatura rabínica e da literatura apocalíptica judaica.¹⁹ Teodoro de Mopsuestia e Teodoro de Ciro estão entre os escritores patrísticos que afirmaram ou presupuseram expressamente que Deus é “aquele que detém”.

Prosseguindo ainda mais, é possível argumentar que “aquilo que detém” se refere à vontade de Deus em relação à missão entre os gentios. Não há diferença real entre “aquilo que detém”, entendido como a missão aos gentios, e “aquele que detém”, entendido como vontade ou plano de Deus de que o evangelho seja pregado a todas as pessoas antes da *parousia*. O significado é um e o mesmo. E, como já vimos, a referência de “aquele que detém” a um pregador ou ao próprio Deus também tem um significado muito semelhante. Creio que a tentativa de Aus (1971) de distinguir entre esses dois fins acaba em frustração. O papel de Deus e o papel do pregador estão intimamente ligados, embora não possam ser confundidos.²⁰

Finalmente, chegamos à quinta e última interpretação: “aquilo que detém” refere-se à pregação do evangelho e “aquele que detém” ao pregador, prototipicamente o próprio apóstolo Paulo. Essa perspectiva foi defendida por Cullmann* com base numa pergunta feita na literatura apocalíptica judaica sobre a razão da demora da *parousia*. A resposta mais freqüente é a falta de arrependimento de Israel. Essa resposta estabelece o palco para a perspectiva cristã da necessidade apocalíptica de pregar o evangelho aos gentios, expressa mais claramente em Mt 24.14 e Mc 13.10. Esses textos destacam a ordem cronológica dos eventos que precedem o fim: “primeiro” (Marcos) de que o evangelho seja pregado a todas as nações para que “então” (Mateus) venha o fim. É importante notar que, nessas passagens, o aparecimento do anticristo segue a pregação do evangelho, como ocorre em 2 Ts 2. Outros possíveis paralelos incluem Ap 6.1-8, 19.11ss. e 11.3, em que Cullmann interpreta o primeiro cavaleiro como o pregador do evangelho pelo mundo, que, novamente, precede imediatamente o fim. At 6.6-9 também relaciona a proclamação mundial do evangelho à questão da demora do reino, ilustrando a perspectiva cristã nascente da atividade missionária, como prelúdio e sinal apocalíptico da vinda na nova era.²¹

¹⁹ Cf. Aus, *God’s Plan and God’s Power: Isaiah 66 and the Restraining Factors of 2 Thess 2:6-7*, 1977.

²⁰ Veja Rm 10.13-15 e o uso de “ministro” *leitourgoj* e, em Rm 15.16, seu uso para descrever o ministério de Paulo como um ministério levítico, isto é, como subordinado ou auxiliar ao ministério sacerdotal de Cristo.

²¹ Em outros lugares, Paulo demonstra que a sua identidade estava intimamente relacionada ao fim. Além de Rm 9-11 e 15.14-33, veja sua percepção apocalíptica de “agonia” *avna, gkh* de pregar o

O contexto imediato de 2 Ts 2.6-7 sustenta essa interpretação. Já os versos 9 a 12 referem-se à perdição daqueles que não têm amor à verdade. A audiência nos versos 13 a 15 do mesmo capítulo contrasta com aqueles que rejeitam a pregação do apóstolo. Todo o capítulo anterior trata da relação entre os eventos apocalípticos e a aceitação ou a rejeição do evangelho pelas pessoas.

CONCLUSÕES

Essas considerações gramaticais²² favorecem a interpretação de que aquele e aquilo que detêm referem-se à pregação e ao pregador do evangelho.²³ Portanto, podemos sugerir que 2 Ts 2 foi escrito contra um pano de fundo de pressão político-religiosa²⁴ e privação social,²⁵ condições típicas do surgimento de expectativas apocalípticas, e deve ser entendido no contexto da formação apocalíptica de Paulo. Por isso encontramos aqui presentes todos os temas apocalípticos comuns:

- *vindicação*: o triunfo do “Senhor Jesus” sobre o poder da “iniquidade” e sobre o “iníquo” nos versos 4 a 8 é seguro (cf. 1.3-10)!
- *dualismo cósmico*: todo tipo de milagres, sinais e prodígios falsos será desatado pela obra de Satanás, em uma guerra contra as forças de Deus, os iníquos contra os fiéis;

evangelho em 1 Co 9.16, um sentimento comum de “dores de parto”, característica da literatura apocalíptica, expressa em termos de “devedor” aos gentios (Rm 1.14) e “prisioneiro por amor deles” (Ef 3.1). Aliás, não demonstrar esse sentimento seria invocar sobre si um “ai” apocalíptico (1 Co 9.16).

²² Vale aqui mais uma observação gramatical: a referência “àquele que detém” na terceira pessoa não é gramaticalmente imprópria. Em 2 Co 12.2, Paulo refere-se a si mesmo na terceira pessoa em vez de na primeira pessoa, aliás numa passagem igualmente apocalíptica i.e., visionária. A auto-referência na terceira pessoa não indica exclusividade. Isso se vê pelo uso de “nosso” *h'mw/n* em 2 Ts 2.14. E toda a carta aos Romanos, especialmente 15.20, dá testemunho de que Paulo reconhecia o significado do ministério de outros apóstolos, inclusive entre os gentios cf. 1 Co 3.4-15; 15.1-28. É importante destacar a esse respeito a suspeita, comum no mundo antigo, de que a autopromoção revela um impostor. Ver *Blasi, *Early Christianity as a Social Movement*, v. 5, Toronto Studies in Religion New York, Bern, Frankfurt am Main, Paris: Lang, 1988; * Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha and the New Testament: Prolegomena for the Study of Christian Origins*, v. 54, Society for New Testament Studies. Monograph Series, ed. Stanton Cambridge, England: Cambridge University, 1985, Hays, 1989, p. 191-216.

²³ Note-se que “aquilo que detém” refere-se à pregação missionária. A interpretação de que “aquele que detém” se refere a algum instrumento de Deus foi defendida antes por Teodoro Mopsuestia e Teodoro de Ciro e, mais tarde, por João Calvino. Ver Cullmann, 1938, 174-86.

²⁴ Cf. Donfried, *The Cults of Thessalonica & the Thessalonian Correspondence*, *New Testament Studies: An International Journal*, v. 31, p. 336-356, 1985.

²⁵ Cf. Jewett, 1986.

- *desvelamento*: há a “revelação” (*avpokalu,ptw*) do iníquo nos versos 3 e 8 e daquele que o detém no verso 6, e, no verso 8, a “manifestação” (*evpifa,neia*) da vinda de Jesus;
- *iminência*: apesar da seqüência clara de eventos, a promoção do evangelho faz-se uma tarefa premente;
- *transcendência*: como exemplo disso, podemos citar a chegada do “Dia do Senhor” (v. 2), a destruição da iniquidade “com um sopro de sua boca” (v. 8) e o contexto maior da “glória de Deus” (1.10, 12, 2.14, 3.1).

Em 2 Ts 2.6-7, Paulo entendeu a missão gentílica como a tarefa apostólica principal que precede os últimos tempos. Assim, entendeu sua missão dentro do contexto da “conclusão divinamente determinada da história da salvação”.²⁶ Sua vocação como apóstolo aos gentios (Rm 15.15ss.) é especialmente crítica no plano de salvação de Deus. Ele era um “precurador da *parousia*”,²⁷ pois somente quando a sua tarefa “se completar” (*plhro,w*, Rm 15.19), a salvação virá também para “todo o Israel” (Rm 9-11). Com o peso da urgência apocalíptica, Paulo está ousadamente determinado a percorrer o mundo mediterrâneo, com um olho voltado para trás, em direção a Jerusalém (Rm 15.15ss.), na esperança de que a obediência das nações provocaria ciúmes nos judeus (Rm 9-11). A proclamação aos gentios alcança tanta intensidade apocalíptica que somente a sua remoção já abriria espaço para o julgamento final e a inauguração do reino messiânico (2 Ts 2.6-7).

Tal cosmovisão apocalíptica deu a Paulo a mais forte motivação possível para a sua atividade missionária de pregar o evangelho às nações. Encontramos aqui o seu incentivo mais forte para ação. Mais do que nunca, o motivo apocalíptico possui significância positiva para a tarefa presente do apóstolo. Tal motivação só poderia impelir Paulo pelo reconhecimento incômodo de que a evangelização mundial era urgente e que o tempo sempre seria curto à luz da incerteza da hora do retorno de Jesus.

REFERÊNCIAS

AUS, Roger. *Comfort in Judgement: The Use of Day of Lord and Theofany Traditions in Second Thessalonians 1,*. New Haven: Yale University, 1971.

²⁶ Cf. Käsemann, 1980.

²⁷ Ibidem.

- _____. The Relevance of Isaiah 66:7 to Revelation 12 and 2 Thessalonians 1, *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der Älteren Kirche*, 1976, v. 67, p. 252-268.
- _____. God's Plan and God's Power: Isaiah 66 and the Restraining Factors of 2 Thess. 2:6-7, *Journal of Biblical Literature*, 1977, v. 96, p. 537-553.
- BAUER, W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Trad. W. F. Arndt Wilbur F. Gingrich. Chicago: University of Chicago, 1957.
- BLASI, Anthony J. *Early Christianity as a Social Movement*. New York, Bern, Frankfurt am Main, Paris: Lang, 1988. v. 5. (Toronto Studies in Religion)
- BOSCH, David J. *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission*. Maryknoll: Orbis Books, 1991.
- BRUCE, F. F. *1 and 2 Thessalonians*. Waco: Word, 1982.
- CARRIKER, C. Timóteo. As contribuições do messianismo para uma hermenêutica missiológica: Algumas pistas. *Boletim da Fraternidade Teológica*, 1993, v. 19, p. 19-41.
- _____. *Paul's Apocalyptic Mission: An Integrative Missiological Hermeneutic*. Ph.D., Fuller Theological Seminary, School of World Mission, 1993.
- _____. A apocalíptica judaica e o evangelho de Paulo. *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira*, n. 2, v. 6, 1996, p. 175-204.
- CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha and the New Testament: Prolegomena for the Study of Christian Origins*. G. N. Stanton (Ed.). Cambridge: Cambridge University, 1985. v. 54. (Society for New Testament Studies. Monograph Series)
- COPPENS, Joseph. Mystery in the Theology of Saint Paul and Its Parallels at Qumran. In: MURPHY-O'CONNOR, Jerome e CHARLESWORTH, James H. (Eds.). *Paul and the Dead Sea Scrolls*. 2 ed. New York: Crossroad, 1990, p. 132-158.
- CULLMANN, Oscar. Quand viendra le Royaume de Dieu. *Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses*, 1938, v. 18, p. 174-186.
- _____. *Christ and Time: The Primitive Conception of Time and History*. revised ed. Trad. Floyd V. Filson. Philadelphia: Westminster, 1964.
- _____. *Salvation in History*. Trad. S. G. Sowers. London: SCM, 1967.
- DONFRIED, Karl P. The Cults of Thessalonica & the Thessalonian Correspondence. *New Testament Studies: An International Journal*, 1985, v. 31, p. 336-356.
- GIBLIN, C. H. *The Threat to the Faith: An Exegetical and Theological Re-examination of 2 Thessalonians 2*. Rome: Pontifical Bible Institute, 1967, v. 31. (Analecta Biblica)

- _____. 2 Thessalonians 2 Re-read as Pseudepigraphical: A Revised Reaffirmation of The Threat to Faith. In: COLLINS, Raymond F. (Ed.). *The Thessalonian Correspondence. Bibliotheca Ephemeridum Theologiarum Lovaniensium 87*, Leuven: Leuven University, 1990, p. 459-467.
- GILLILAND, Dean S. New Testament Contextualization: Continuity and Particularity in Paul's Theology. In: GILLILAND, Dean S. (Ed.). *The Word Among Us. Contextualizing Theology for Mission Today*. Dallas: Word Publishing, 1989, p. 52-73.
- GOWAN, Donald E. *Eschatology in the Old Testament*. Philadelphia: Fortress, 1986.
- HAYS, Richard B. 'The Righteous One' as Eschatological Deliverer: A Case Study in Paul's Apocalyptic Hermeneutics. In: MARCUS, Joel; SOARDS, Marion L. (Eds.). *Apocalyptic and the New Testament. Essays in Honor of J. Louis Martyn*. Sheffield: JSOT, 1989, p. 191-216.
- JEWETT, Robert. *The Thessalonian Correspondence: Pauline Rhetoric and Millenarian Piety*. Robert W. Funk (Ed.). Philadelphia: Fortress, 1986. (Foundations and Facets)
- KÄSEMANN, Ernst. *Perspectivas Paulinas*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1980, v. 11. (Biblioteca de Estudos Bíblicos)
- KOCH, Klaus. *The Rediscovery of Apocalyptic: A Polemical Work on a Neglected Area of Biblical Studies and Its Damaging Effects on Theology and Philosophy*. Trad. Margaret Kohl. Naperville: Alec R. Allenson, 1972.
- LADD, George Eldon. *The Presence of the Future: The Eschatology of Biblical Realism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.
- MICHAELIS, Wilhelm. *prwton*. In: *Theological Dictionary of the New Testament*. Gerhard Friedrich (Ed.). Grand Rapids: Eerdmans, 1968, v. 6, p. 865-883.
- RIDDERBOS, Herman N. *Paul. An Outline of His Theology*. Trad. J. R. De Witt. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.
- SMELSER, Neil. *Theory of Collective Behavior*. New York: Free of Glencoe, 1963.
- STURM, Richard E. Defining the Word "Apocalyptic": A Problem in Biblical Criticism. In: MARCUS, Joel; SOARDS, Marion L. (Eds.). *Apocalyptic and the New Testament: Essays in Honor of J. Louis Martyn*. 1989, p. 17-48.
- VOS, Geerhardus. *The Pauline Eschatology*. Princeton: Princeton University, 1930.
- WALLACE, Anthony F. C. Revitalization Movements. *American Anthropologist*, 1956, v. 58, p. 264-281.

ABSTRACT

Nowadays, most scholars agree that Paul communicated the gospel according to the contingent pastoral context he confronted. Behind those contingent expressions is a fundamentally apocalyptic worldview, which in turn, stems from Paul's understanding of his own mission. That is, Paul's call and missionary activity are formed by an apocalyptic perspective that, in turn, influences the expression of his theology. The biblical text which is under examination here is a good example of how Paul's apocalyptic worldview influenced his sense of mission and theology. The basic thesis, which was first suggested by Johannes Munck and Oscar Cullman, is that, in this passage, *to, kate, con* refers to the "preaching of the gospel" and *o` kate, cwn*, to the "herald of the gospel," specifically to the apostle Paul himself.

KEYWORDS

Apocalyptic, Pauline eschatology, the one who retrains, 2 Thessalonians, Paul's mission.